

GÊNERO TEXTUAL CARTA CONSELHO: UMA EXPERIÊNCIA EM SALA DE AULA

Professor PDE: Adegilson Parro¹

Orientadora: Prof^a Ms. Luciana Cabrini Simões (UEM)

Resumo: O presente artigo trata sobre o gênero textual Carta Conselho e desenvolve através dele o aprimoramento em relação à leitura e escrita por parte do educando. Tal trabalho apresenta uma das possíveis formas de elaborar/adaptar atividades didáticas para os alunos, usando o gênero citado como instrumento de ensino. O trabalho apóia-se na visão bakhtiniana de gêneros discursivos e na concepção de seqüência didática formulada por Dolz, Noverraz e Schneuwly. Este trabalho foi aplicado no 3º ano do Ensino Médio no Colégio Estadual Vereador José Balan em Umuarama, Paraná. Os resultados foram promissores e demonstram, desta forma, a contribuição que os gêneros textuais apresentam no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

Palavras-chave: gênero discursivo. carta conselho. língua estrangeira.

Abstract: This article is about the textual genre Advice Letter. This genre is used to develop the reading and writing skills in the learning process. This paper presents one of the possible ways to prepare/adapt didactic activities for the students, using the mentioned genre as a tool for teaching. This work is based on the theoretical concept of genre, according to Bakhtin and on the concept of didactic sequence, according to Dolz, Noverraz and Schneuwly. This work was implemented in the third year of José Balan High School in Umuarama, state of Paraná. The results were positive and show the contributions the use of genre can have in the teaching-learning process of a foreign language.

Key-words: genre. advice letter. foreign language.

¹ Graduado em Letras pela FAFIU –Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Umuarama – Paraná
Professor PDE 2007
Especialista em Literatura Brasileira

2.1 Introdução

Em um mundo com uma dinâmica intensa de desenvolvimento nas diversas áreas do saber, o homem viu a necessidade do aprimoramento nesse cenário de transformação.

Entre essas mudanças, na área da comunicação, os usuários de uma língua trocam, no dia-a-dia, uma variedade de informações e situações de interação. A interação ocorre de uma simples conversa informal a uma leitura de livro. Tanto na parte oral ou escrita, com quem se conversa, o que se escuta ou o que se lê, tais circunstâncias geram uma variedade de textos ou enunciados. Tais textos são ricos em variedades de situações discursivas, repletos de intenções entre falantes e ouvintes, escritores e leitores, com intenções próprias e, assim, os textos se organizam em determinados gêneros. Para Bakhtin (1992, p.279) “a riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e a cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.”

Diante dessa diversidade e riqueza de gêneros existente em nossa sociedade, é imprescindível, no contexto de ensino, colocar o educando em contato com os diferentes tipos de textos que circulam nas diversas esferas de ação.

Portanto, o trabalho com gêneros textuais, em uma situação formal de ensino-aprendizagem, fornece ao aluno uma possibilidade maior no processo de aprendizagem, pois os textos, tanto orais quanto escritos, estão impregnados de visões de mundo proporcionadas por diversas culturas e, este diálogo, que se trava com o interlocutor, desenvolve suas habilidades de leitor, escritor, falante e ouvinte de uma língua.

Neste trabalho, optamos por trabalhar a leitura e a escrita, pois estas fornecem o elo primordial para um melhor desempenho nas atividades de ensino-aprendizagem.

No entanto, é importante salientar que a forma que algumas vezes a leitura é trabalhada na escola não desenvolve a criticidade do aluno, pois ocorre

de forma mecânica, simplesmente decodificando signos, em que o aluno não se torna agente crítico, mas mero repetidor de palavras.

Da mesma maneira, entendemos também que algumas das atividades propostas aos alunos não contribuem para o seu engajamento crítico, pois estas atividades não passam de exercícios como pretextos para o ensino de um item gramatical, ou exigem apenas tradução ou ainda atividades que solicitam somente a leitura superficial do texto.

Olhando esta questão da leitura sob outro foco, citamos as DCEs² (2006), a qual afirma que a leitura deve se apoiar numa visão crítica, em que o indivíduo deva ser re(construtor) de comportamentos/atitudes em relação ao mundo que o cerca. Indo além, enfatiza-se que, mais do que reconstruir novos significados, que eles sejam capazes de produzir sentidos, ampliando possibilidades de entender o mundo.

Nessa perspectiva, os gêneros textuais se encaixam como veículos de transformação/mudança na forma de se trabalhar a leitura em sala, saindo da simples decodificação em busca de uma leitura mais crítica e participativa.

Desta forma, será exposto neste artigo o gênero “carta-conselho” que explora, sem dúvida, o universo interior do adolescente e os problemas mais recorrentes nesta fase, como a auto-estima, por exemplo.

É fato que a adolescência é uma fase de descoberta e a carta-conselho, de certa maneira, mantém um diálogo em que o adolescente pode falar de seus problemas, pedir ajuda e, aos poucos, se conhecer melhor como ser humano.

Tal fase precisa ser orientada, pois além das mudanças físicas que ocorrem como: crescimento de pêlos, mudanças de voz, entre outras, as mudanças psicológicas também se fazem presentes e alteram consideravelmente o aprendizado, pois tanto a parte orgânica quanto a mental são essenciais para que o indivíduo absorva informações que o rodeiam, e a escola deve propiciar condições para que o aluno aprenda a agir no meio onde vive.

² Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná.

2.2 Gêneros textuais e ensino-aprendizagem de língua estrangeira

No que diz respeito à comunicação, no desenvolver da história da humanidade, foram criados diferentes textos. Tais textos foram se modificando, ampliando-se, tornando-se um dos meios mais importantes de interação entre os homens. Sendo assim, viu-se inegável a reflexão e o estudo sobre o gênero textual, que traz em seu bojo o desenvolvimento direto com a linguagem.

Muitos estudiosos, observadores de tal desenvolvimento, começaram a analisar esta diversidade de tipos de textos. Bakhtin (1992), por exemplo, os chama de gêneros do discurso, “tipos relativamente estáveis de enunciados”, caracterizados por um conteúdo temático, um estilo e uma construção composicional.

De acordo com Fiorin (2006, p.62) o conteúdo temático “não é o assunto específico de um texto, mas é um domínio de sentido de que se ocupa o gênero.” Sobre a construção composicional, o autor frisa que “é o modo de organizar o texto, de estruturá-lo.” Por fim, Fiorin afirma que o ato estilístico “é uma seleção de meios lingüísticos. Estilo é, pois, uma seleção de certos meios lexicais, fraseológicos e gramaticais (...)”

Segundo Bakhtin, os gêneros são divididos em primários, os da comunicação cotidiana, e secundários, os que possuem uma comunicação a partir de códigos culturais elaborados como romance, ensaios filosóficos, teses, entre outros.

Os primários são aqueles (orais ou escritos) do dia-a-dia, como bate-papo, o bilhete, entre outros; já os secundários são aqueles que estão em um patamar mais elaborado, como os romances, os artigos, as teses. Vale salientar que os secundários algumas vezes absorvem os primários, pois precisam adentrar-se em uma linguagem mais profunda.

Convém frisar também, que os gêneros podem se entrelaçar e, dependendo do contexto, usar uma linguagem de outro estilo textual dentro uma forma de outro gênero. Por exemplo: pode-se usar uma poesia em forma de receita. Observe uma receita em forma poética.

RECEITA DE AMOR

Ingredientes

Coloque duas pitados de paixão em uma vasilha.

Uma colher cheia de coragem para abrir o coração

Meio copo de esperança.

Modo de Preparo

Misture tudo e abra os lábios para falar para a pessoa amada o que sente

Espere ferver o coração do outro

Sirva esperançoso pequenas porções

Espere algum tempo para que o amor amadureça

(Exemplo criado pelo autor do artigo)

No que tange o contexto de ensino de língua inglesa, citamos as Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná (2006, p.34), a qual expõe

A ênfase do ensino recai sobre a necessidade de os sujeitos interagirem ativamente pelo discurso, sendo capazes de comunicar-se de diferentes formas, materializadas em diferentes tipos de textos, considerando a imensa quantidade de informações que circulam na sociedade. Isso significa participar dos processos sociais de construção de linguagem e de seus sentidos legitimados, e desenvolver uma criticidade, de modo a atribuir o próprio sentido aos textos.

Sendo a linguagem um dos principais meios de interação, os gêneros textuais aparecem como um meio importante para o desenvolvimento do ser, despertando criticidade e cidadania.

Cumpra salientar a necessidade de os alunos observarem a variedade de textos e a circulação dos mesmos na sociedade, sendo todos impregnados de sentidos.

A leitura, sobre o foco das Diretrizes, enfatiza a criticidade, indo além da leitura mecânica e tradicional que usa apenas a busca de informações e não gera uma construção maior de significados por parte do leitor.

Sendo assim, não apenas como aquisição de conhecimento, mas como forma de interação entre autor, texto-leitor, o estudo de gêneros textuais se faz necessário para que a construção de conhecimento se torne uma prática em sala de aula.

Com o resgate e a devida atenção aos gêneros, que sempre estiveram presentes, mas adormecidos pela maioria dos autores e estudiosos, começou a se pensar em novas formas de ensino, fazendo ressurgir o uso dos gêneros como meio em potencial de aprendizagem. Assim, na situação formal de aprendizagem, o trabalho com os gêneros textuais é feito através de seqüências didáticas, que serão expostas no item a seguir.

2.3 Modelo didático de gênero e da seqüência didática

Dentro deste universo de possibilidades e diversidade que são os gêneros textuais, escolher qual o mais adequado para ser trabalhado em sala não é uma tarefa fácil para os professores. É fato que para organizar uma seqüência didática, necessitamos escolher o gênero que será trabalhado e como será explorado. Em relação à seleção do gênero a ser analisado na seqüência didática, Dolz & Schneuwly (1998) apresentam três critérios para o agrupamento de gêneros: 1) o domínio social da comunicação a que os gêneros pertencem; 2) as capacidades de linguagem envolvidas na produção e compreensão desses gêneros e 3) sua tipologia geral.

Vários estudiosos também têm se dedicado ao estudo dos gêneros e sua aplicabilidade no processo ensino-aprendizagem. Cito assim, como exemplo, Bonini (2001, p.21), o qual afirma que os gêneros selecionados deveriam “ I) possibilitar ao aluno a construção de uma ação de linguagem até certo ponto condizente com a sua realidade e com os seus objetivos pessoais.; II) propiciar-lhe uma comparação entre os recursos de linguagem que já usa e os que estão sendo apreendidos, de modo a ampliar-lhe o conjunto de experiências com a linguagem.;

III) estarem minimamente adequados às suas possibilidades de apreensão, suas vivências, gostos e ao seu grau de maturidade”.

Antes de o professor elaborar a seqüência didática para ser aplicada em sala, é necessário que ele faça um estudo sistemático sobre o gênero escolhido. Para isto, sugere-se, de acordo com DOLZ e SCHNEUWLY (1998), a elaboração do modelo didático do gênero escolhido. No que diz respeito à construção do modelo didático de gêneros, Cristóvão (2001, p.169) explica que devemos levar em conta os seguintes aspectos:

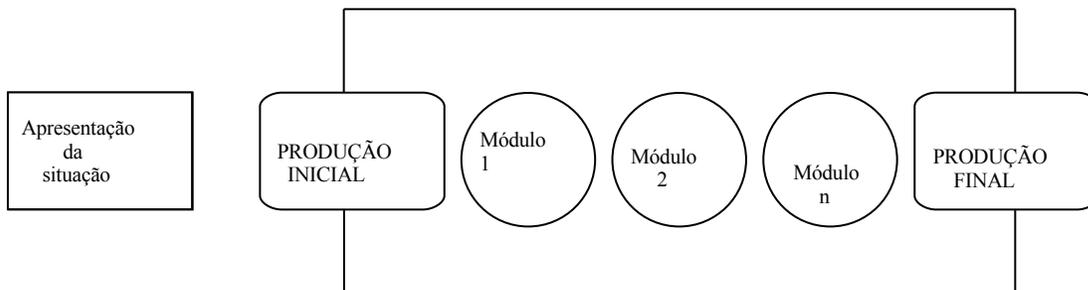
- a) os resultados de aprendizagem expressos por documentos oficiais e da determinação das capacidades reveladas pelo alunos; b) a observação do contexto de ensino-aprendizagem para que se respeite a pertinência da intervenção didática e a construção do modelo, e assim definir os objetivos escolares em função das finalidades e capacidades de linguagem dos alunos para trabalhar com o gênero selecionado; c) o conhecimento dos *experts* na produção do gênero em foco e dos conhecimentos lingüísticos e textuais já elaborados sobre esse gênero; d) com base no modelo de Bronckart (1999) procede-se à análise de um corpus de textos pertencentes ao gênero para assinalar suas características principais, considerando categorias específicas do gênero em foco.

É importante também salientar a proposta de atividades de ensino aprendizagem voltada para o desenvolvimento das capacidades de linguagem do aluno. Por capacidades, Dolz, Pasquier & Bronckart (1993 apud Cristóvão et al, 2006) e Dolz & Schneuwly (1998 apud Cristóvão et al, 2006) consideram:

- a) As capacidades de ação, isto é, o reconhecimento o gênero e de sua relação com o contexto de produção e mobilização de conteúdos;

- b) As capacidades discursivas, isto é, reconhecimento do plano textual geral de cada gênero, os tipos de discurso e de seqüência mobilizados;
- c) As capacidades lingüístico-discursivas, isto é, o reconhecimento e utilização do valor das unidades lingüístico-discursivas próprias a cada gênero para construção do significado global do texto.

Para organização de uma seqüência didática, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.98) apresentam o seguinte esquema:



Depois da apresentação inicial da situação de produção, os estudantes constroem um texto inicial que fica arquivado para a auto-avaliação e melhora do mesmo na oficina final. Este texto já é a produção inicial, na qual o professor observará as capacidades dos alunos e suas dificuldades. Em posse dessa observação, o professor trabalhará os módulos, que são exercícios/atividades em que o aluno trabalhará o gênero de uma forma mais concisa e profunda. Na produção final, assim, tanto professor quanto aluno observarão os progressos e poderão avaliar o trabalho como um todo.

Observa-se, desta forma, que a seqüência didática apresentada auxilia o processo de aprendizagem por parte do aprendiz e faz com que o gênero seja

trabalhado de uma forma mais eficaz e progressiva, auxiliando o aluno a dominar melhor o gênero apresentado.

2.4 Gênero textual carta conselho

Dentre os diversos tipos de gêneros, analisaremos o gênero carta, especificamente carta conselho. Tal gênero foi escolhido por ser um dos mais usados entre os adolescentes, principalmente nas revistas femininas que circulam no meio desta faixa etária. Salienta-se que Marcuschi (2000, p.64) classifica a carta como um texto que envolve um contexto comunicativo, que pode ser um “fenômeno empírico global e um fato social consolidado nas práticas discursivas diárias”.

Há uma grande variedade de cartas e, neste universo, Souto Maior (2001, p.11) coloca que “a **carta**, independente do meio pela qual é enviada (correio ou e-mail), faz parte de uma “constelação” que agrupa diversos textos”.

Desta forma, no gênero carta há diversas outras formas da mesma, sendo a carta conselho uma delas.

O meio de circulação das Cartas Conselho são em geral, revistas de entretenimento, que têm como assunto: moda, beleza, saúde, viagem, sexo, entre outros.

Tal gênero escolhido, Carta Conselho, deve-se à fase (adolescência) pela qual os estudantes têm dúvidas sobre diversos assuntos e escrevem para relatar algum tipo de problema e/ou pedir conselho sobre uma possível resolução, visto que a adolescência é um período de turbulências e descobertas.

Percebe-se que, nos últimos anos, muitas revistas têm apostado no público jovem, especificamente adolescentes, e criado colunas especiais para resolver os seus “grilos”, fala própria desta faixa etária que, mesmo se direcionando ao mundo adulto, possuem uma gama imensa de dúvidas em diversas áreas da vida e que acabam não as colocando perante pais, amigos, professores e pessoas ligadas a família. Parece que ao escreverem para uma revista, sentem-se mais próximos ou seguros, visto que boa parte de seus amigos

assim também o fazem e crêem que o especialista da revista desvendará e os auxiliará nos problemas apresentados.

As revistas também se apresentam de uma forma moderna e segura, pronta para retirar todas as dúvidas que por ventura existirem. Os seguintes exemplos são apresentados por PEREIRA e ALMEIDA (2002, p.244).

Exemplo 1

Atrevida é a revista de cabeceira de todas as adolescentes brasileiras. Resolve suas dúvidas, acompanha suas descobertas e orienta em todos os aspectos da vida. É a sua maior diversão e a sua melhor amiga. É irresistível! (propaganda da revista Atrevida em um caderno explicativo da editora)

Exemplo 2

A maior parte das cartas são com dúvidas de relacionamentos, principalmente com meninos, e também sobre variedades (música). [...] Todas as cartas são respondidas, mesmo quando são problemas pessoais e a gente tem que explicar que não pode interferir assim na vida delas. (e-mail do Atendimento ao leitor da Capricho)

Exemplo 3

Com sua linguagem irreverente, seu visual super criativo, a revista conversa com suas leitoras num clima delicioso. [...] A revista Todateen fala diretamente com as teenagers mensalmente, esclarecendo dúvidas, apontando novos comportamentos, tendências de moda e dá dicas de como cuidar do corpo, sempre com linguagem simples, direta, deixando as garotas à vontade. (homepage da Todateen) (PEREIRA, ALMEIDA, 2002, p. 244)

Se os adolescentes seguirão as instruções, os conselhos apresentados pelas revistas, já é uma outra questão. O que se pode observar é que o peso que a linguagem da revista exerce é muito abrangente e com certo poder sobre esta faixa etária.

Em relação às características do gênero carta-conselho, apresentamos, em seguida, uma tabela considerando o contexto de produção, a organização ou a estrutura das cartas e as características lingüísticas:

Contexto de produção	<ul style="list-style-type: none"> - As cartas de pedido de conselho geralmente expõem problemas relacionados a relacionamentos, conflitos familiares, preocupações com o corpo, dúvidas sobre sexo, drogas, etc.; - Os autores são adolescentes ou jovens com dúvidas ou problemas.
Organização ou estrutura das cartas	<ul style="list-style-type: none"> - No começo das cartas, encontramos, geralmente, uma saudação inicial, usando o vocativo “dear”; - Em seguida, há a exposição do problema; - Logo após a exposição do problema, há o pedido de conselho; - E, por fim, o autor usa um pseudônimo que reflete o seu estado emocional.
Características lingüísticas	<ul style="list-style-type: none"> - Para expor o problema que está ocorrendo na vida do autor, é usado o Simple Present; - Para expor um problema passado, mas com reflexos ainda no dia-a-dia de quem escreve a carta, usa-se o Simple Past; - Para o pedido de conselho, pode-se usar o modal should ou expressões como what can I do?

Tabela retirada do material didático “Folhas” elaborado pelo autor.

***** É interessante frisar que os gêneros não são estáveis, desta forma, nem sempre encontraremos todos os componentes citados acima em uma carta-conselho.

2.5 Produção didático-pedagógica em formato de Folhas

Elaborar um material que visasse o desenvolvimento e aprimoramento na área da leitura e escrita para que o programa PDE estabelecido pela SEED (Secretaria de Estado da Educação) tivesse continuidade foi o desfecho do projeto.

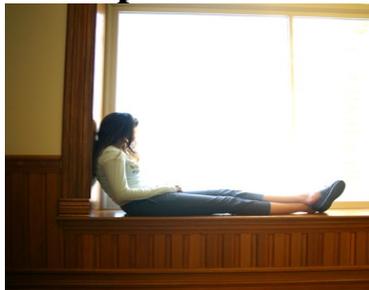
Aplicar, dentro de um material específico, o gênero textual Carta-Conselho, tornou-se então, o objetivo da Produção Didático – Pedagógica.

O material produzido possui algumas características do projeto Folhas, mas não é classificado nesta categoria, pois não contempla todas as especificidades exigidas no projeto citado.

Desta forma, estabeleci uma Produção Didático-Pedagógica em formato de Folhas, isto quer dizer, com apenas algumas características do projeto mencionado.

O título dado foi **Adolescence: period of conflicts and discoveries**. Este material foi aplicado no 3º ano do Ensino Médio e começa com uma reflexão sobre o que o adolescente pensa sobre sua vida e as coisas que o cercam. Observe algumas questões iniciais do material.

Adolescence: period of conflicts and discoveries



Fonte: <http://www.educared.net/educasalud/www-imagenes/2812629hernando.jpg>

Have you ever stopped to think about your life?
What have you reflected more about? Love, family, relationship, drugs...
Is it difficult to think about such matters? Why?

Em seguida, ocorre uma reflexão mais ampla sobre as contingências e correrias que a vida nos propõe ou nos faz passar.

Observe mais um trecho retirado do material:

É comum as pessoas passarem por situações conflituosas em suas vidas. O mundo com suas mudanças e exigências tem deixado o ser humano perplexo. Todas essas exigências, como consequência, causam marcas nas pessoas, pois com a rapidez das informações, da tecnologia, a ditadura da moda, a cobrança da beleza e tantas outras, o homem se vê em conflitos pessoais por não conseguir se adequar e se adaptar a tantas transformações em tão pouco tempo. Todas essas

mudanças têm afetado as pessoas. O homem se vê frente a desafios e projetos que não consegue assumir e resolver. Medo, pânico, estresse, e diversos problemas têm atingido o ser humano, deixando-o inerte, preso às circunstâncias do dia-a-dia.

Muitos jovens também têm sido atingidos por estas mudanças e exigências, e sofrido com tudo isto.

Percebe-se então que nenhum de nós está livre dos problemas e contingências da vida. Pensando um pouco, e você? Tem passado por alguns dilemas? Já sentiu vontade de expor o que sente para alguém?

Expor algo que nos aflige não é um tarefa fácil. Não estamos acostumados a falar de nós para outros. E confiar também, em alguém, necessita de tempo. Em meio a tantas questões, que tal conversarmos um pouco mais sobre este assunto?

To think... Quando estão com problemas, muitos adolescentes procuram psicólogos, psiquiatras e terapeutas, mas não são todos que têm condições financeiras para consultar estes especialistas e, muitos, não conseguem, também, se expressar face-a-face. Desta forma, como expor o que sentimos, se não possuímos uma situação financeira que nos facilita o acesso a profissionais da área, ou não temos a coragem de conversar “cara-a-cara”? **Será que há outros meios em que possamos expor os nossos conflitos e expressar os nossos sentimentos?**



Fonte: <http://atrevida.uol.com.br>



Fonte: <http://capricho.abril.com.br>



Fonte: www.todateen.com.br

Logo após esta parte inicial, há questões sobre o hábito de leitura dos alunos, ou seja, se eles lêem revistas, quais, se há liberdade no processo de escolhas delas e se alguma seção específica da revista desperta um maior interesse. Neste caminho, apresentamos o gênero textual carta conselho, em inglês, **Advice Letter**, tão comum em revistas de adolescentes.

Ancorado neste pressuposto, apresentamos para leitura a análise algumas Cartas Conselhos das revistas internacionais **Bliss** e **Sugar**. Convém salientar que nesta fase foram trabalhadas estratégias de leitura com os alunos, como por exemplo, a busca de palavras cognatas e questões que levassem à reflexão para o entendimento geral das cartas.

Abaixo, mais uma parte do material:

In this lesson...

Vamos conhecer um pouco mais do gênero **Carta Pedido de Conselho** ou, em inglês, **ADVICE LETTER**.

Now, we are going to read and analyze some Advice Letters from Bliss and Sugar Magazines.



Fonte: <http://www.mybliss.co.uk>



Fonte: <http://sugarmagazine.com.uk>

A partir da leitura das cartas, foi analisado a organização e estrutura de uma **Advice Letter**

Identifying some elements of the Advice Letter

1) Wonky boobs

One of my breasts is a different size to the other. I'm sure no other girls have this problem. I hate them, what can I do?

Freak, 14, Coventry

Task

a) Identify the following information. Justify your answer.

Autor:

Destinatário:

Objetivo:

Conteúdo:

Espaço social de produção:

Momento histórico de produção:

Meio de veiculação:

b) Does the author use a pseudonym? Why (not)?

Em seguida, após apresentação de outras cartas e debates, as questões gramaticais como tempos verbais utilizados, adjetivos, pronomes são mostrados como forma de identificação dos elementos léxico-gramaticais mais comuns e freqüentes nas cartas. Observe como foi proposta a atividade:

a) Exposing the problems:

- Qual(is) tempo(s) verbal(is) é/são usado(s) nas duas cartas para expor os problemas? Por qual razão tal(ais) tempo(s) verbal(is) foi/foram usado(s)?

Letter 4	Letter 5

b) Asking for Advice:

- Identifique, nas duas cartas, como foi feito o pedido de conselho.

Letter 4	Letter 5

c) Describing the feeling:

- Identifique, nas cartas lidas nesta unidade, os adjetivos que os autores usam para descrever seus estados emocionais.

Letters	Adjectives
Letter 1	
Letter 2	
Letter 3	
Letter 4	
Letter 5	

Em continuidade, o material expõe uma revisão geral das características principais da Carta Conselho: contexto de produção, organização ou estrutura das cartas e características lingüísticas.

Ressaltamos que tal análise se torna, muito importante, pois reforça o conteúdo e a forma como tal gênero ocorre em seu contexto geral.

Propomos, em seguida, para o aluno, a reflexão sobre um problema e a escrita de uma carta conselho sobre qualquer tipo de angústia que o atinja, seja pessoal ou familiar. Ele deveria pensar sobre quais adjetivos descreveriam melhor tal sentimento e qual o meio que gostaria de pedir um conselho ou uma ajuda. Fala-se também na escolha de um pseudônimo que se adaptaria ao problema/angústia apresentado e para qual revista enviaria a sua carta.

Para finalizar o material, baseando-se nas cartas, os alunos analisam a imagem que os adolescentes possuem deles mesmos; e, por fim, apresentamos algumas revistas e sites onde há seções com Cartas Conselho.

Assim, a leitura, objetivo principal desse material, demonstra que os gêneros textuais, especificamente a Carta Conselho, mesmo que apresentados em suas diversas formas, produzidos em textos diferentes, com características e usos específicos, desenvolvem em sala, um processo ensino-aprendizagem eficaz e produtivo.

2.6 Análise e reflexão da elaboração e aplicação da seqüência didática

Antes de aplicar o trabalho em sala, apresentei-o à direção e coordenação, explicando de uma forma geral os gêneros textuais e, em seguida, o

gênero carta conselho, o qual seria o alvo do projeto em sala de aula. Apresentamos também as revistas nacionais e internacionais e a seção específica (carta conselho), foco do trabalho com os alunos. Esclarecemos o objetivo principal: melhorar a escrita e a leitura através do gênero citado.

Assim, o projeto teve início. Após a aprovação da direção e coordenação fomos para a sala e, então, toda teoria estudada, passaria para prática.

O projeto aconteceu nos meses de maio e junho de 2008, em uma sala de 3º ano do Ensino Médio.

Os alunos foram receptivos ao trabalho. Iniciamos levantando alguns questionamentos sobre os gêneros textuais. Após certo tempo, depois da fala dos alunos, explicamos os gêneros de uma forma geral e lemos um texto que abordava o assunto.

Em seguida, apresentamos as revistas nacionais TodaTeen e Capricho e as internacionais, Bliss e Sugar, inglesas, e TeenNow e Seventeen, americanas, além da revista portuguesa Teenager. Alguns já conheciam as nacionais e ficaram curiosos pelas internacionais. Separamos os alunos em grupo e colocamos as revistas no quadro. Cada equipe emprestava algumas revistas e depois de lidas deixavam-nas no quadro e trocavam por outras não vistas ainda. Eles leram e folhearam as revistas à vontade, para depois trabalhar especificamente a seção carta conselho.

No outro dia, pedimos que fizessem um círculo para um debate e iniciamos falando sobre a adolescência e suas mudanças: físicas e psicológicas. Levantamos, em conjunto, no quadro, os assuntos que os alunos achavam mais relevantes nesta fase. Os mais citados foram: namoro, sexo, relacionamento (diversos), família e drogas. Conversamos sobre cada tópico e houve participação por parte dos estudantes. Em seguida, lançamos uma questão no quadro: **Com quem você conversa quando está com algum problema?** As respostas foram as seguintes: a) amigos (as); b) não compartilho, guardo para mim; c) procuro ler sobre o assunto.

Nenhum deles se manifestou compartilhar com a família. Não sei se isso é totalmente verídico. Questionamos o porquê e houve um certo silêncio. Sentimos que alguns talvez até compartilhem com a família, mas não falaram.

No outro dia, trabalhamos com uma parte do material didático, com alguns elementos da carta conselho e os expliquei no quadro. Apresentamos uma carta conselho e trabalhamos juntos tal carta. Os alunos realizaram a atividade de uma maneira tranqüila. Ficamos felizes com a desenvoltura deles e acreditamos que absorveram bem o assunto.

No outro dia, trabalhamos os tempos verbais: presente e passado. Não demos as respostas, nem apresentamos os verbos, levei-os a uma reflexão sobre o **Simple Present** e o **Past Tense**. Alguns alunos compreenderam logo de imediato, outros não. Alguns necessitaram de mais algumas colocações sobre os tempos verbais para se situarem. Fomos ao quadro e lançamos, então, alguns verbos e fomos questionando. A questão verbal foi complexa para boa parte dos alunos.

Em relação às características mais importantes da carta conselho, os alunos “tiraram de letra”. Pedimos que alguns lessem e explicassem. Observamos que, a maioria tinha segurança nas explicações. Lançamos questões para a sala e vários participaram. Andamos “cutucando” os mais silenciosos para que respondessem. Eles, de prontidão, após a participação da maioria, com sua própria maneira, falaram. Gostamos do que ouvimos, pois percebemos que haviam compreendido esta parte do material.

Trabalhamos, também, os cognatos dentro das cartas, e fizemos com que eles falassem o que entenderam da oração. Demos exemplos paralelos e questionamos, esperando respostas. Levei-os a reflexão para compreenderem as cartas. Cobramos respostas, porque percebemos que alguns sabiam, mas se reservavam em não falar. Incentivamos os alunos a colocarem o que pensavam em palavras. Conversamos com eles sobre levantar um problema pessoal ou familiar e pensar sobre ele e, em seguida, escrever uma carta conselho dentro de tudo que havíamos estudado. Trouxemos dicionários para a sala e eles começaram a fazer. Ao andar pela sala, observamos que todos estavam escrevendo. Dissemos que as cartas não precisavam ser longas e os lembramos das cartas conselhos já vistas. Nas próximas aulas trabalhamos as cartas e a escrita das mesmas. A falta de vocabulário e a questão verbal foram as grandes vilãs. Não foi fácil administrar e atender a todos. Reunimos em grupos e, aqueles

que possuíam um inglês mais avançado, foram colocados como monitores, após o término de suas próprias cartas. O trabalho com a escrita não foi muito fácil, devido à quantidade de alunos, pois se houvessem menos, o trabalho seria mais satisfatório. Senti que eles se esforçaram, apesar das dificuldades encontradas. Questionamo-nos sobre isso e repensamos como trabalhar esta etapa com outras turmas.

Após o término da produção escrita, os alunos elaboraram um mural e colocaram as cartas no mesmo para que toda a escola conhecesse o gênero estudado.

Para finalizar o projeto, convidamos uma psicóloga, que veio e expôs sobre o tema adolescência e suas mudanças físicas e psicológicas.

2.7 Conclusão

O trabalho com cartas conselho é uma parte importante nas revistas para adolescentes, pois envolvem e despertam sentimentos que estão em efervescência nesta fase e necessitam ser canalizados. Nessa perspectiva, o trabalho com este gênero foi enriquecedor, pois é um gênero próximo da realidade dos adolescentes.

Os alunos conheceram os gêneros em sua totalidade e trabalharam com um específico: carta conselho.

Houve avanços em relação à escrita e leitura por parte dos alunos, embora neste quesito, percebemos dificuldades na construção e elaboração das cartas, tais como: dificuldades com vocabulário, verbos e pronomes em geral.

Contudo, houve um grande esforço pelos estudantes na elaboração das cartas e no processo de entendimento do gênero apresentado.

Creemos que as dificuldades surgidas servem como uma rota para minimizar tais obstáculos e apresentar, em outro momento, um trabalho que vise solidificar e sanar áreas que apresentaram algumas lacunas.

Enfim, de uma maneira geral, levando em consideração a minha participação no programa PDE, creio que este contribuiu para um crescimento

pessoal e profissional, pois incentivou muito a leitura e o aprofundamento teórico tão necessário para a prática do processo ensino-aprendizagem de língua estrangeira.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BONINI, A. Ensino de gêneros textuais: a questão das escolhas teóricas e metodológicas. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. nº 37, Jan/Jun.2001.

CRISTOVÃO, V.L. Lopes. **Gêneros e ensino de leitura em LE: os modelos didáticos de gêneros na construção e avaliação de material didático**. 2001. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CRISTOVÃO, V.L.L.; DURÃO, A.B.A.B.; NASCIMENTO, E.L.; SANTOS, S.A.M. Cartas de pedido de conselho: da descrição de uma prática de linguagem a um objeto de ensino. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v.9,n.1, p.41-76, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v9n1/veraadjaelvirasimone.pdf> Acesso em: 30 jul. 2007.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Pour un enseignement d l'oral**. Initiation aux genres formels à l'école. Paris: ESFÉDITEUR, 1998. (Didactique du Français).

FIORIN, J.L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

PARANÁ, SEED. **Diretrizes Curriculares da Rede Pública de Educação Básica do Estado do Paraná**. Secretaria de Estado da Educação Básica do Paraná, Superintendência da Educação. Curitiba, 2006.

PEREIRA, Juliana Sell do Vale; ALMEIDA, Marina Barbosa de. Sabe tudo sobre tudo: análise da seção de cartas-pergunta em revistas femininas para adolescentes. In: MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, Désirée. (orgs). **Gêneros textuais e práticas discursivas: subsídios para o ensino de linguagem**. Bauru: EDUSC, 2002. p.239-258.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. São Paulo: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

SOUTO MAIOR, A.C. **O gênero carta – variedade, uso e estrutura**. Ao pé da letra, 3.2, p.1-13, 2001.

Consultas On-Line

<http://atrevida.uol.com.br>, accessed on 06/11/2007

<http://capricho.abril.uol.com.br>, accessed on 06/11/2007

<http://www2.uol.com.br/todateen/home/index.shl>, accessed on 06/11/2007

<http://atrevida.uol.com.br/atrevidinha>, accessed on 06/11/2007

<http://sugarmagazine.co.uk>, accessed on 06/11/2007

<http://www.mybliss.com.uk>, accessed on 06/11/2007